

II Encontro de Pesquisadores Discentes do Aporia

14-17 jun. 2021

Resumos

Bias Busquet Guimarães (mestrando, PFI-UFF) - *O ciclo cósmico na doxografia do Poema de Empédocles: as considerações de Platão, Aristóteles, João Filopono e Aécio*

A teoria do ciclo cósmico, que analisa a cosmologia de Empédocles, isto é, a narração sobre como o cosmo se sustenta, é conhecida principalmente por ser uma das grandes questões discutidas pelos comentadores dos filósofos pré-socráticos, principalmente pelos comentadores que se debruçam sobre o Poema de Empédocles desde o século XIX, como Eduard Zeller, John Burnet, William Guthrie, John Raven e Denis O'Brien. Entretanto, fundamentos da teoria mencionada acima são possíveis de serem encontrados já na Antiguidade, nos testemunhos de pensadores ou doxógrafos a respeito do Poema de Empédocles, os quais consistem em parte dos fragmentos doxográficos sobre o Poema. Em pelo menos nove destes fragmentos podemos encontrar vestígios do que mais tarde pôde se tornar uma teoria, a do ciclo cósmico. Portanto, propomos analisar os fragmentos doxográficos 31 DK A32, A37, A38, A41, A42, A44, A46, A47 e A48 do Poema empedocleano, que remontam às *Leis* de Platão, à *Física*, à *Metafísica* e ao *Sobre o céu* de Aristóteles e, respectivamente, ao comentário e aos fragmentos de João Filopono e Aécio.

Bruna Tavares Cardoso (graduanda, UFF) - *O lugar do espanto: Uma perspectiva filosófica para as paradoxografias helenísticas*

Esta exposição vai trabalhar *Os Prodígios Escutados* (obra pseudo-aristotélica do século III a.C.) como representante do gênero narrativo conhecido como "Paradoxografia": desenvolvido no período helenístico, caracteriza-se pela reunião de causos singulares (extraordinários) na perspectiva da organização da *physis*. Serão apresentados, também, alguns exemplos de desenvolvimentos posteriores, do Império Romano e ao menos uma amostra do período Bizantino. Apesar de pertencer às obras de importância relativamente menor dentro do corpus aristotélico, *Os Prodígios Escutados* exprime relações interessantes com as obras autênticas de Aristóteles por conta de um dos elementos essenciais para a estrutura do gênero em questão: a valorização do espanto.

Bruno de Figueiredo Alonso (doutorando, PPGF-UFRJ) - *O estoicismo de Crisipo e a medicina de Galeno*

Esta exposição se dedicará a revelar o vínculo da medicina galênica com a filosofia estoica, em discernir como Crísipo e Galeno concebem ideais de saúde discordantes no que tange à compreensão da relação entre corpo e alma. Em *De placitis Hippocratis et Platonis*, Galeno rejeita o cardiocentrismo de Crísipo e adota a posição de Hipócrates e Platão, segundo a qual a alma se distribui pelo fígado, coração e é centralizada pelo cérebro. Galeno assume a teoria tripartite da alma de Platão, contrariando a tese estoica de que a alma é uma unidade centrada na razão. Em *De temperamentis* Galeno expõe a teoria dos temperamentos, inspirada na medicina hipocrática e sustentada numa compreensão psicossomática dos distúrbios da alma. A disposição fisiológica provém da relação dos fluidos corporais com a proporção entre os quatro elementos e os fatores climáticos sujeitos às estações. O estoicismo e a medicina galênica concordam que o melhor dos temperamentos se manifesta em um corpo nutrido pelas qualidades do quente e do úmido. Porém, Galeno adota um fisicalismo extremo e reduz as afecções psíquicas às qualidades corporais. O estoicismo, diferentemente, reconhece um fundamento físico para a ψυχή, mas atribui às patologias da alma um fator subjetivo impreterível.

Bruno Fernandes Santos (mestrando, PFI-UFF) - *O sentido das opiniões no Poema de Parmênides: uma investigação a partir dos fragmentos B8, 50-52 a B11*

O principal interesse desta exposição é discorrer acerca do papel e da função das opiniões no Poema de Parmênides, sobretudo a partir da leitura e da interpretação dos fragmentos que vão de B8, 50-52 a B11. No Fragmento B1, 29-32, é dito que o jovem iniciado deve ser instruído tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva, como das opiniões dos mortais, em que não há fé verdadeira. Contudo, boa parte dos intérpretes, ao ler este fragmento, entende apenas a importância de se saber acerca da verdade, descartando e descredenciando a relevância das opiniões, considerando-as menos importantes se comparadas à verdade. O que passou despercebido a eles, no entanto, é que as opiniões possuem um matiz epistemológico único e indispensável: elas dão ao iniciado o conhecimento do mundo. Nesse sentido, ver-se-á, nesta apresentação, que as opiniões, embora falsas e enganosas, são as únicas que garantem o conhecimento do sol, da lua e das estrelas, sendo elas, por conseguinte, o que melhor descreve o que é mundano.

Bruno Salviano Gripp (doutorando, PFI-UFF) - *Com que roupa eu vou? Vestuário no ascetismo antigo*

Qual a relação entre o vestuário e o modo de vida? Essas são questões pouco estudadas na história da filosofia antiga, ainda que o vestuário seja uma forma marcante de identificação social. Há, de fato, diversos casos em que a roupa utilizada pelo sujeito representa um desejo de vida ou o próprio modo de vida. Com efeito, um dos lugares em que a questão da roupa aparece com maior destaque é no corpus

ascético grego; aqui, a questão do vestuário ou de sua falta tem profundas repercussões. Este artigo analisa instâncias em que a roupa simboliza uma mudança de vida em personagens relacionados ao mundo tardo-antigo, passando por textos dos *Apophthegmata Patrum*, de João Cassiano e da *Vida de Melânia*, entre outros. Verificamos que o vestuário é apresentado tanto como um modo de conformar o corpo para uma vida voltada ao ascetismo, quanto como uma apresentação exterior de uma forma de ser interior. Ou seja, o vestuário é uma maneira de manifestação do ordenamento da alma do asceta. As vestes oferecem uma visão mais imediata desse regramento interno, manifestando exteriormente uma condição que é invisível à maioria.

Carlos Henrique Scalercio Marques Corrêa (graduando, UFF) - *Antão do Deserto e Monasticismo*

O objetivo desta apresentação é desenvolver alguns aspectos da ascese praticada por Antão do Deserto e como ela é apresentada no texto *Vita Antonii* de Atanásio de Alexandria. Visando apresentar um contexto geral em que esse texto é inserido, visitarei brevemente alguns aspectos do monasticismo cristão como um todo, apontando características como a rotina de privações, as comunidades que se formam em função da ascese e as constantes questões espirituais; para, então, em um segundo momento poder elucidar alguns pontos principais do texto de Atanásio, assinalando características relevantes para que ele tenha se tornado tão célebre e influente no meio monástico do cristianismo. Ainda no momento de introdução, também pretendo apresentar alguns aspectos do texto *Vita Antonii*, buscando apontar as possíveis diferenças entre o Antão do texto e o Antão histórico, assim como as diferenças e semelhanças com o movimento monástico como um todo.

Daniel Soares Saldanha (graduando, UFF) - *O autós no Alcibiades I de Platão*

De acordo com A. J. Festugière em seu artigo “Trois rencontres entre la Grèce et l’Inde” (1942-3), nenhum problema ocupou tanto o pensamento grego quanto o problema do *autós*, do si-mesmo, que marca, fundamentalmente, a perspectiva de indivíduo político e intelectual na Grécia antiga. Para o autor, a noção de indivíduo se contrasta com a noção de coletivo. Este contraste é decisivo para a formação da sociedade grega. Tal contraste é perceptível na noção grega de excelência (*ἀρετή*), encontrada, especialmente, nas relações sociais da Grécia antiga: reis e súditos, Zeus e os outros deuses, adultos e crianças, senhores e escravos, mestre e discípulos. A excelência do mestre é tão enfática, que ele se torna o paradigma do indivíduo completo. Considerando isto, é preciso analisar o diálogo platônico que marca tal questão de forma significativa: *Alcibiades I*. Proponho que, no *Alcibiades I*, podemos encontrar traços inerentes à filosofia grega centrada na especulação metafísica acerca da *phýsis*, pautada na formação da subjetividade criada pela poesia lírica e trágica.

Eduardo da Silva Machado (mestrando, PFI-UFF) - *Iucunda Recordatio, Luto e Memória em Sêneca*

A *Consolatio* filosófica, gênero textual que se consolida no período helenístico, tem em Sêneca, filósofo estoico do 1º século d.C., um de seus maiores autores (*Ad Marciam, Ad Helviam Matre, Ad Polybium, Epistolae Morales Ad Lucilium* 63, 93 e 99), seja para utilizar a filosofia como *remedium* para a alma e a cura da *aegritudo* (sofrimento), seja para expor ao público seu pensamento filosófico. Em nosso trabalho intentamos defender que Sêneca, em suas epístolas consolatórias, defende uma espécie de memória voluntária como antídoto contra a *aegritudo* inevitável, expressão inexorável do determinismo estoico, sobretudo na superação do medo da morte e do luto, tendo como objeto de pesquisa a carta 63 de Sêneca a Lucílio, quando o cordobês consola seu aluno Lucílio pela morte do amigo Flaco.

Filipe Braiman de Carvalho (graduando, UFF) - *Questões sobre o uso da categoria "Gnosticismo"*

Em minha apresentação, discorrerei um pouco acerca dos problemas envolvendo o uso da categoria "Gnosticismo", comumente empregada nos estudos do cristianismo primitivo. O "Gnosticismo", enquanto categoria, é uma formulação moderna que remonta às fontes heresiológicas dos primeiros séculos da Era Cristã, nas quais constata-se o uso do termo *gnostikós* para se referir a alguns dos grupos e figuras atacados pelos heresiólogos. Baseando-se principalmente em tais fontes, a nomenclatura "Gnosticismo" começa a ser empregada nos estudos acadêmicos e tomada como algo certo desde o seu surgimento, aparentemente no século XVIII, até meados do século XX. Com a descoberta de novos materiais, principalmente os códices de Nag Hammadi encontrados em 1945, a comunidade acadêmica passou a dispor de uma gama de fontes que trouxeram novas perspectivas aos estudos sobre o cristianismo emergente no contexto da antiguidade tardia. A partir disso, a categoria "Gnosticismo" vem se mostrando polêmica em vários aspectos e de difícil definição. Mesmo com as críticas que vêm sendo feitas nas últimas décadas em relação à obscuridade de tal categoria, não é rara a existência de pesquisas acadêmicas recentes que continuam a empregá-la. Assim sendo, pretendo expor alguns pontos dessa discussão que continua em aberto.

Francisco Bonora (graduando, UFF) - *O Tempo em Plotino: Uma Ousadia da Alma*

Apresentaremos um projeto de Iniciação Científica, cujo objetivo é desenvolver um estudo abordando o conceito de tempo no pensamento de Plotino, a partir da *Enéada* III. 7 [45], "Sobre a Eternidade e o Tempo". O conceito de tempo em Plotino está diretamente relacionado às suas três hipóstases: o Uno, o Intelecto e a Alma; sendo a

Alma de fundamental importância, uma vez que é a partir dela que surgem o tempo e o mundo material visível. A proposta desse projeto é mostrar como Plotino desenvolveu um diálogo com a tradição filosófica anterior a ele e como, sendo platônico, produziu um pensamento sobre o tempo diferente da concepção de Platão. Para isto, Plotino será cotejado com filósofos anteriores a ele que abordaram o mesmo tema, em particular Parmênides, Platão e Aristóteles. Assim, buscamos delinear qual a real contribuição de Plotino para o pensamento filosófico de sua época sobre o conceito de tempo. Esse projeto é o primeiro passo rumo ao desenvolvimento dessa proposta.

Gustavo Gomes de Souza (mestrando, PPGLM-UFRJ) - *A gramática dos estoicos*

Se existe um ponto em comum entre os historiadores da lógica antiga é que a influência dos estoicos na lógica antiga é bastante significativa e que os estoicos tiveram uma participação considerável no desenvolvimento da gramática no período helenístico. De fato, a lógica estoica foi concebida como uma disciplina autônoma com divisões muito bem definidas. Contudo, em momento algum foi sequer apresentada uma gramática estoica na divisão da lógica proposta por eles, sobretudo aquela que encontramos em Diógenes Laércio. Existe uma clara diferença entre dar algumas contribuições aqui e acolá e tratar do assunto de modo sistemático e coerente, *i. e.*, propor uma teoria. De fato, a dialética estoica comporta um conjunto de investigações relevantes para a lógica e, a princípio, não encontramos uma gramática dentro das divisões da dialética, tal como apresentada por Diógenes Laércio. O problema que teremos em mente nesta exposição não é outro senão: é possível falar de uma gramática estoica?

João Gabriel Rodrigues da Silva (graduando, UFF) - *O pirronismo de Sexto e a crença religiosa comum*

A proposta desta comunicação será a de promover uma breve reflexão acerca da questão da piedade em Sexto Empírico. Sendo assim, serão feitas algumas considerações sobre como esse filósofo, por meio de alguns de seus escritos, compreende a relação entre o modo de vida cético e a prática da religião. Para isso, será exposta uma síntese de como o pirrônico suspende o juízo acerca da noção de Deus ou deuses enquanto dogma filosófico. Além disso, serão apresentadas algumas considerações sextianas que demonstram como a conduta cética se vincula à religiosidade ordinária. Em seguida, será realizada uma breve discussão sobre um conjunto de interpretações contemporâneas acerca desse problema, que buscam explicitar qual é a conexão que há entre o pirronismo de Sexto e a crença religiosa comum.

Jonathan Almeida de Souza (doutorando, PFI-UFF) - *A Educação Musical na Grécia Pré-Platônica: uma perspectiva histórica*

O objetivo dessa comunicação é apresentar um panorama histórico-filosófico da educação musical na antiguidade grega, partindo de Homero, alguns relatos sobre Esparta e Lesbos, e a música em alguns fragmentos filosóficos. Dessa forma, busca-se entender o caminho que a cultura grega proporcionara para o desenvolvimento e a experiência do pensamento de Platão circunscritos, principalmente, à educação pela música e ao papel dela na *República* e nas *Leis*, apesar de não ser possível, no tempo que cabe à comunicação, adentrar nas infindáveis sendas labirínticas oferecidas nos diálogos do Ateniense. Em conexão com uma tese futura, esboçar-se-á uma resposta para a seguinte questão: seria mesmo fundamental e imprescindível a função da música no sistema educativo de Platão? Se sim, qual a necessidade imposta pela cultura anterior a Platão que o condiciona a dar um destaque à função da música? Se não, por que Platão é tão enfático ao pensar e sistematizar uma pólis que se sustenta sobre as estruturas da música e a correlaciona diretamente com a *psyché*? Portanto, visa-se a compreender que elementos a antiga Grécia fornece acerca da música e como foi possível para Platão pensar o lugar dela em seu realismo político através da constituição da pólis ideal.

José Augusto Garcia Moreira Gomes (graduando, UFF) - *Os cétricos, Heráclito e Chuang Tzu: acerca do ceticismo enquanto dýnamis*

A apresentação consiste numa pesquisa que vem sendo feita há alguns anos entre Heráclito e Chuang Tzu, que começou por conta dos espantos ocasionados pelas semelhanças entre as anedotas deste e os fragmentos daquele, e que começou a ficar mais profunda depois de um curso sobre Heráclito ministrado pelo professor Alexandre Costa. Com o tempo, após entrar no grupo de estudos sobre ceticismo antigo da Professora Alice Haddad, comecei a me atentar para certos textos cétricos. A fala terá o intuito de ressaltar um fato curioso, a saber, a semelhança gritante entre o fragmento LXI de Heráclito, uma anedota de Chuang Tzu e o primeiro tropo de Enesidemo. Vale ressaltar que não há nenhuma intenção de cometer um anacronismo e chamar Heráclito e Chuang Tzu de cétricos, mas apenas de abordar aspectos inerentes a uma *dýnamis* cética sob a faceta de interessantes ocorrências anteriores às primeiras manifestações do ceticismo propriamente dito.

Mauro Juarez Sebastião dos Reis Araujo (doutorando, PPGF-UFRJ) - *Desviar é preciso*

Na Atenas pós-democracia, além da influência nociva dos discursos religiosos, a derrocada dos direitos que eram reservados aos cidadãos resultou em um regime mais opressor, em que a influência macedônica atuava como um corpo estranho que acometia a sanidade do organismo social. Para Epicuro, a pólis já era um organismo doente antes de sucumbir às tropas de Alexandre, o Grande, pois os valores que

estruturavam o tecido social eram capazes de obscurecer o ímpeto natural humano de exercer plenamente sua liberdade, em busca da saciedade de todas as suas demandas necessárias. Sendo assim, o sábio exila a cidade, junto com toda a sua gama de perturbações, e constrói para si e seus amigos uma comunidade regulada por outros valores, princípios resultantes das próprias regras que organizam a Natureza. Se na Hélade o sábio resolveu desviar-se para além dos assuntos da pólis, na *Urbs* o poeta da Natureza decidiu utilizar o desvio como um mecanismo necessário para reajustar os fundamentos que norteavam a sociedade romana. Esses dois movimentos de declinação, apesar de possuírem suas particularidades, demonstram a atenção do epicurista para com as informações que as sensações lhe oferecem sobre as características do cenário em que ele está inserido. Para compreendermos como o desvio do sábio encontra em Roma um contexto mais propício para outras realizações, dividiremos nossa análise em duas etapas. Primeiramente, discorreremos sobre o modo como a primeira fase do Jardim ateniense recorre ao conceito físico de declinação do átomo para construir nas cercanias de Atenas uma comunidade semelhante à morada dos deuses. Em seguida, analisaremos a declinação presente no epicurismo romano. Para dar cabo desta segunda etapa, tomaremos como parâmetro a postura de Lucrecio que, no exercício de sua cidadania, definiu a declinação através de seu potencial gerador para uma nova sociedade.

Priscila Céspedes Cupello (doutoranda, PPGLM-UFRJ) - *A Estética da Existência e o Cuidado de Si socrático: perspectivas foucaultianas*

Este trabalho tem o objetivo de discutir o tema da estética da existência, o cuidado de si socrático e da vida filosófica, a partir das perspectivas desenvolvidas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), especialmente em seus cursos lecionados no Collège de France na década de 1980: *L'herméneutique du sujet* (1981-1982) e *Le Courage de la Vérité* (1984). Michel Foucault destaca que Sócrates é o primeiro na história da filosofia a se preocupar com o cuidado de si, um cuidado que não é com o corpo nem com as horarias, mas com a alma e com a vida que se vive. O Sócrates de Foucault é aquele que se coloca a missão de cuidar de si e dos outros, vivendo exemplarmente a vida filosófica, aquela comprometida com o exame constante de suas opiniões para não cometer ação injusta.

Rafael Marcelo Viegas (doutorando, UFF) - *Homero antirrético. Maneiras épicas de combater demônios*

Entre os textos mágicos gregos do Egito na época da Antiguidade Tardia, temos (em PGM IV, 468-469 e IV, 831-832) um *θυμοκάτοχον*, um feitiço fabricado com um único verso solto da *Iliada*, aparentemente usado como proteção contra a raiva. Curiosamente, esse *θυμοκάτοχον* se assemelha ao procedimento refutatório do *Ἀντιρρητικός* de Evágrio Pôntico, no qual o combate às forças demoníacas é feito com

o recurso a citações de um verso solto do Velho ou do Novo Testamentos. Minha exposição estabelecerá formas de interpretação entre esses dois procedimentos, mostrando a interdependência cultural das estratégias ascéticas e mágicas no período das formulações teológicas do monasticismo e dos grandes manuais mágicos greco-egípcios.

Rebeca Figueira Martins (mestranda, UFOP) - *Celebrar é preciso: o “Vigésimo” e outras cerimônias do Jardim de Epicuro*

Esta proposta encontra sentido num anseio pessoal: pensar não somente o conceito de “comunidade filosófica” em Epicuro, mas o modo de vida comunal do Jardim, isto é, os pensamentos, ensinamentos e relações que se estabeleciam nessa confraria. Direcionamos a investigação através da seguinte questão: como Epicuro manteve a imperturbabilidade do Jardim durante 35 anos de vida? Entendendo “*Képos*” como um “agrupamento humano”, preservado em um “acordo” que é somente possível se alicerçado na “conveniência mútua”, na “co-afecção” que existe entre os seus membros, à “*philia*”. Os saberes práticos difundidos nessa família-filosófica, que é um “oásis jardíneo dentro da densa trama urbana”, encontram-se ancorados no cultivo da autossuficiência e do autogerenciamento, e nas atividades de ensino e celebração. Especificamente, desejo expor como as celebrações, dentre as quais uma é mensal (“Vigésimo”) e outras anuais, impactaram na manutenção do sistema epicurista, expressando a ética e a filantropia do “*sophós*”. Esta primeira celebra a memória de Epicuro e Metrodoro, seu melhor amigo: “divindades” do Jardim, dignos de lembrança, emulação e rito. Uma atividade que convém à rememoração da doutrina e a uma profunda retomada do “sentido de identidade comunitária”, revivendo e restaurando aquilo que é o seu fundamento. Eis a dança da amizade.

Rodiny Santos Berçot Junior (mestrando, PFI-UFF) - *Os exercícios espirituais em Orígenes*

O presente trabalho tenciona deslindar a noção de ascese em Orígenes de Alexandria. Por ascese compreende-se o conjunto de exercícios espirituais, enquanto uma atividade interior do pensamento e da vontade, que o sujeito realiza buscando uma transformação do mundo e uma metamorfose do ser. O cristianismo, ao lançar-se como filosofia (ou melhor, como a filosofia), herdou os exercícios espirituais da filosofia pagã, e, em certa medida ressignificou-os. Para Orígenes a ascese consiste em um caminho que se inicia na purificação a partir de esforços necessários para alcançar a perfeição cristã, mediante um constante progresso interior e exterior, sendo necessário ao homem terrestre ascender às realidades espirituais. Neste caso, o bem supremo consiste em recuperar a semelhança com Deus através das obras, tendo como ponto de partida o conhecimento de si, através de constante exame de consciência e de luta contra as paixões. A ascese em Orígenes desempenha um papel importante no aspecto da vigilância, do desapego de si, da morte contínua e diária. Veremos ainda

que a ascese não é o fim último da vida cristã, mas uma mediação instrumental que culminará na união mística (erótica) com o próprio Deus.

Vithória Maria Silva Amaral dos Santos (graduanda, UFF) - *Tempo e Morte em Sêneca*

Minha pesquisa tem como tema investigar a concepção de Tempo e Morte e como esses dois tópicos estão atrelados em Lúcio Aneu Sêneca, filósofo do estoicismo romano. O medo da morte, para Sêneca, lança sobre a vida humana uma terrível sombra. Aceitar a morte é a lição mais difícil, contudo a mais importante para aqueles que procuram a felicidade da calma filosófica. Isso só pode ser feito, no entanto, se aprendermos a gerenciar corretamente nossa compreensão e uso do tempo, isto é, caso vivamos conscientes de nossa mortalidade. Na análise Senequiana, o que atribui valor ao tempo é a finitude da vida, é precisamente aceitando a natureza temporal da vida humana, a inevitabilidade da morte que, para Sêneca, podemos chegar mais perto da transcendência da Morte e do Tempo.

Vitor Fraga da Cunha (mestrando, UFF) - *O dever ético da boa escuta: a ἀλήθεια em Heráclito*

O presente trabalho expõe parte dos resultados de nossa pesquisa de mestrado em andamento. Aqui, buscamos responder a seguinte pergunta: o que é ἀλήθεια para Heráclito? Em seus fragmentos, há uma única ocorrência do termo: τὸ φρονεῖν ἀρετὴ μέγιστη, καὶ σοφίη ἀληθέα λέγειν καὶ ποιεῖν κατὰ φύσιν ἐπαΐοντας (DK 22 B 112), que Alexandre Costa (2012, p. 129) traduz por “Bem-pensar é a maior virtude, e sabedoria dizer coisas verdadeiras e agir de acordo com a natureza, escutando-a.” A partir desse fragmento, podemos destacar o seguinte: (i) há uma pluralidade de verdades (ἀληθέα), não há uma verdade una; (ii) as verdades são um predicado do discurso (λέγειν), só a fala pode conter verdade, ela não predica qualquer outra coisa; (iii) dos pontos anteriores concluímos que – diferentes de outras filosofias – a verdade para Heráclito não é metafísica; e (iv) há um valor ético sobre a verdade, pois dizer coisas verdadeiras é uma sabedoria, assim como agir de acordo com a natureza (φύσιν), escutando-a; (v) da conclusão anterior resulta que há uma relação entre dizer, agir e escutar; e (vi) por fim, dependendo de como se execute essas três ações, se forem conforme a natureza, pode haver sabedoria.

Yuri Hensel Fonseca Maia (graduando, UFF) - *A natureza e o problema da comensurabilidade dos sentidos com as propriedades sensíveis*

O trabalho que visamos apresentar se insere no âmbito da pesquisa de iniciação científica que atualmente desenvolvemos sob a orientação da professora Alice Haddad, que tem por objetivo principal investigar a “noção cética” de *phýsis*, ou melhor, investigar o tratamento que Sexto Empírico dá ao problema da possibilidade

de conhecimento da natureza das coisas e explorar especificamente uma das muitas questões problemáticas associadas a isso, qual seja, o problema da comensurabilidade dos sentidos em relação às propriedades sensíveis. Nosso trabalho, então, tratará de apresentar as doutrinas dogmáticas estoica (delineada sobretudo a partir de Diógenes Laércio) e aristotélica (extraída, de forma principal, do *De Anima* e do *De Sensu et Sensibili*, e, de forma complementar, de partes da *Metafísica*, da *Física* das *Partes dos Animais*) sobre a possibilidade de um conhecimento acerca da natureza das coisas e sobre os sentidos e as propriedades sensíveis e a reação cética a essas concepções (extraída dos modos de suspensão do juízo enumerados no livro primeiro das *Hipotiposes Pirrônicas*).

Organização

Alice Bitencourt Haddad

José Augusto Garcia Moreira Gomes

Marcus Reis Pinheiro

Rafael Marcelo Viegas

Sofia Menegat de Paula Paixão

Vitor Fraga da Cunha